

## Resenha

RAULET, G. 1996. *Kant. Histoire et citoyenneté*. Paris, PUF, 250 p.

Nesta obra sobre os escritos de Filosofia da História de Kant (1724-1804), Gérard Raulet, professor de história das idéias alemãs na Universidade Paris-Sorbonne (Paris IV), dedica cada capítulo à digressão sobre um livro em específico de Kant.

Delimitando esta resenha ao primeiro capítulo, que versa sobre *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (2004 [1784]), o autor ressalta que os anos que separam a primeira edição da *Crítica da razão pura* (1997 [1781]) e a *Crítica da razão prática* (2002 [1788]) são largamente consagrados a desenvolver uma abordagem da história, defendendo que a partir desta se tem uma visão complementar da reflexão moral. Não por acaso o título de Kant começa com “Idéia”, pois o intento é justamente compreender como se dá o possível acordo entre os fins da ação moral e os fins da natureza, salvaguardando a liberdade e a ação humanas. Tal é o sentido do título *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*.

Para isso, Raulet enfatiza que Kant distingue entre teleologia natural e teleologia pura, reconhecendo um papel fundamental desta última na consideração sobre a história da humanidade. De início, deve-se considerar que a historiografia empírica não é suficiente para se orientar na história, e isso permite a tentativa de se construir uma historiografia universalmente válida. Daí a necessidade de um fio condutor *a priori*, igualmente chamado “idéia”. Tal é a tinta que caracteriza a introdução e a nona proposição, que constitui a conclusão do ensaio, definindo em quais condições é possível uma história universal.

O recurso à teleologia pura permite à razão guiar-se e não se perder nas ilusões transcendentais, distinguindo rigorosamente entre o campo empírico e o uso regulador das idéias da razão pura, preservando assim a integridade de seu interesse pelo universal. Com isso, ela pode, então, considerar toda ligação no mundo como resultado de uma causa necessária e absolutamente suficiente para fundamentar a regra de uma unidade sistemática e necessária segundo leis gerais na explicação dessa ligação.

Raulet salienta que não se trata de escrever a história nem de um ponto metafísico, nem de um ponto estritamente físico. Estes pontos de vista seriam, tanto um como o outro, estritamente dogmáticos. O novo estatuto da teleologia que visa ao uso do julgamento reflexionante consiste em lançar uma ponte entre a metafísica e a física e tornar compreensível este terreno médio que é a história propriamente humana, diz ele. Através desse novo estatuto do julgamento teleológico, não se pode compreender o homem em uma posição nada menor que a de autor de sua própria história. Para desempenhar uma coerência no caos dos eventos, o julgamento reflexionante tem de se servir de uma idéia de unidade, de um fio condutor *a priori*. Se esse fio condutor tem alguma realidade, os homens não o sabem.

Delimitando o foco no tratamento dado às proposições 4 a 7 de *Idéia*, Raulet afirma que elas constituem o coração da reconstrução teleológica da história, pois reconstituem a evolução simultaneamente livre e necessária da espécie humana, saindo de um estado de natureza em direção à perspectiva de uma ordem mundial cosmopolita.

Na quarta proposição, segundo Raulet, está a chave de todas as declarações de Kant sobre a guerra: tendo a discórdia como meio para a concórdia tanto entre os homens como entre os Estados, é sob o ponto de vista teleológico que o afrontamento permite superar a indolência. Raulet chega a citar o adágio segundo o qual o destino guia aqueles que são de boa vontade, mas arrasta os refratários, dizendo que este é o seu sentido. Tentar-se-á, na conclusão deste estudo, diz o autor, enfocar toda a abrangência dessa abordagem.

Sobre essa constante oposição entre os homens, é sabido que os fenômenos de atração e de repulsão apurados pela Física de seu tempo são apropriados por Kant e analogamente inseridos em seus estudos com o conceito da insociável sociabilidade. O que se pode perceber é que a teodicéia é reescrita pela espécie humana por meio das categorias físicas. O enfrentamento do bem e do mal é concebido como uma composição de forças antagônicas através da qual o mal está a serviço do bem. Para Raulet, o conceito central da quarta proposição é a resistência (*Widerstand*). O indivíduo desenvolve as faculdades de julgamento superiores e alcança degraus mais altos nas disposições morais através da resistência àqueles com que ele se choca e que melindra. A aparência de tal colocação com a lei de atração e repulsão dos corpos concebida por Newton é nítida e figura como mais uma assimilação das ciências exatas empreendida por Kant. Essa dinâmica fomenta um processo de formação do gosto e de princípios práticos determinados – que antes apenas eram disposições naturais não desenvolvidas.

Passando à quinta proposição de *Idéia*, a base de sua argumentação está já delineada na quarta proposição ao termos a sociedade civil como o meio apropriado (*zweckmässig*: conforme a um fim visado) para ultrapassar e reabsorver a individualidade particular na universalidade da espécie. É nesta quinta proposição que se exprime o mais claramente a maneira pela qual a Filosofia se utiliza da teleologia de forma reguladora tendo em vista o modelo da Física. A insociável sociabilidade seria, com efeito, desde já uma relação de forças – em direção ao isolamento ou à associação –, e a sociedade não seria outra coisa que a resultante dessas forças contrárias. A reconstrução teleológica da história utiliza o modelo da Física de maneira heurística, “como se” o conjunto da evolução pudesse ser explicado como um encadeamento de causas e efeitos a partir de relações entre as forças.

A dinâmica presente na concepção teleológica da sociedade civil equaciona as forças, equilibrando o exercício máximo da liberdade com um constrangimento de mesmo nível. O que temos então, do ponto de vista teleológico, é uma canalização da liberdade e não sua limitação, pois, se esta é forte, o Direito deve ser irresistível.

Raulet afirma também que os escritos de Filosofia da História de Kant devem passar por uma urgente releitura por se tratarem de textos fundadores da noção moderna de cidadania. Nesses textos, Kant analisa as conseqüências da queda do antigo regime e a concepção pré-moderna de nacionalidade.

Gerard Raulet atualmente é professor de história das idéias alemãs na Universidade Paris-Sorbonne (Paris IV) envolvido no núcleo de pesquisas “Estudos Germânicos” e “Filosofia Alemã”. Tem publicado na França, Alemanha e nos Estados Unidos numerosas obras de Filosofia Política.

## Referências

- KANT, I. 2004 [1784]. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 180 p.  
 KANT, I. 2002 [1788]. *Crítica da razão prática*. São Paulo, Martins Fontes, 294 p.  
 KANT, I. 1997 [1781]. *Crítica da razão pura*. 4ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 522 p.